

Saúde

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Saúde em S.Paulo (2)

• “O melhor hospital de Brasília são os aviões que fazem a ponte aérea para São Paulo”, dizia-se antigamente. O desastroso atendimento a Tancredo Neves no Hospital de Base, que resultou na infecção hospitalar que o matou, parecia confirmar o ditado. Hoje em dia, com pelo menos um hospital de referência para a América do Sul, o da Rede Sarah, a afirmação é mais contestada. Mas, o seguro morreu de velho.

“São Paulo reúne alguns dos melhores hospitais da América Latina, públicos e privados. Os hospitais privados, como o Albert Einstein, o Oswaldo Cruz, a Beneficência Portuguesa ou o Sírio e Libanês, que recebem generosas doações das colônias de imigrantes que lhes deram origem, são o derradeiro refúgio da alta classe média. A imortalidade é o sonho de todo rico e, em São Paulo, eles estão dispostos a bancar esse sonho com dinheiro. Em torno deles formaram-se núcleos de excelência dotados de equipes altamente qualificadas, criadas através de rigorosos mecanismos de seleção e mantidas a par dos progressos da medicina através de reciclagens permanentes, de cursos no exterior e de comparecimento a congressos.

O estado de São Paulo tem 20 faculdades de medicina, algumas no topo da lista de excelência no Brasil e na América do Sul. São exemplos a faculdade da USP, que tem como hospital escola o Hospital das Clínicas, o maior do continente; e a Escola Paulista de Medicina, federal. A excelente faculdade de Ribeirão Preto, que também tem um vasto Hospital das Clínicas, foi obra de Zeferino Vaz, que conseguiu tanto em Ribeirão Preto como na Unicamp, da qual foi o primeiro reitor, barrar a entrada do obscurantismo do SNI e dos beaguins da caça a comunistas, um bando de idiotas. A Faculdade de Medicina de Santo Amaro obteve recentemente seu hospital escola, novinho, no bairro do Grajaú, Zona Sul da capital, através de um contrato de gestão com a Secretaria de Saúde.

Os contratos de gestão que a Secretaria de Saúde faz com instituições filantrópicas para repassar os hospitais recém-construídos exigem que sejam de uma porta só, ou seja, aceitem apenas pacientes do SUS e, portanto, deles não cobrem nada. O Incor, em teoria também subordinado à secretaria, tem duas portas, ou seja, aceita clientes de planos de saúde. Adib Jatene justifica essa política dizendo que os clientes dos planos de saúde ocupam 20% dos leitos, mas pagam 60% das despesas. É esta a sua principal divergência com Aloísio Campos da Paz, diretor da Rede Sarah, formado no sistema de medicina pública do socialismo inglês, que diz preferir fechar os hospitais que criou a cobrar um tostão dos pacientes.

A Secretaria de Saúde de

São Paulo administra outros 45 hospitais, alguns de grande porte, como o Hospital dos Servidores do Estado, que tem 900 leitos atendidos e pode chegar a 1.200. Só este hospital tem um orçamento de R\$ 245 milhões por ano. Há, ainda, os centros de atendimento especializado, como o Hospital Perla Byington, para mulheres, que tem 24 andares e 620 leitos. O ambulatório para mulheres ocupa um edifício do antigo Inamps que foi inteiramente reformado para oferecer atendimento à população feminina em 51 consultórios. Como se cortaram quatro mil leitos de doentes mentais crônicos, a Central de Regulamentação Médica garante as vagas de internação aos pacientes em surto.

José Guedes, secretário de Saúde desde o primeiro mandato de Mário Covas, diz ter agora duas metas preferenciais: expandir o sistema Qualis, de atendimento à saúde das famílias, e aumentar a capacidade de produção da Furp, a gigantesca fábrica de medicamentos do estado, para oferecer a todas as prefeituras outros remédios, além dos 41 medicamentos básicos que já oferece a uma fração do preço dos laboratórios privados. Para este projeto conta com uma importante ajuda do governo federal, em razão das várias quedas-de-braço que o ministro José Serra tem mantido com a indústria farmacêutica.

O Projeto Qualis-Fundação Zerbini foi iniciado por Adib Jatene ainda antes de sair do Ministério da Saúde, em parceria com o setor privado. Em 1996, quando tinha apenas 16 equipes de saúde da família, passou a receber recursos dos governos federal e estadual. Atualmente as equipes são 847 em 279 municípios, responsáveis pela cobertura de quatro milhões de pessoas. O custo: R\$ 69,7 milhões, sendo R\$ 49 milhões de recursos estaduais e municipais e R\$ 20,6 milhões de recursos federais. As áreas prioritárias para a implantação do programa são os assentamentos da reforma agrária no Pontal do Paranapanema e as áreas dos remanescentes dos quilombos.

O crescimento da Furp, cuja modernização e ampliação demandou investimentos de R\$ 25 milhões: em 1994 ela produziu 357 milhões de unidades de medicamentos; em 2000, até outubro, produziu um bilhão, 544 milhões de unidades.

O balanço do governo Covas na saúde é altamente positivo.